



O Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 18 de Agosto de 1984 * Ano XXI — N.º 1055 — Preço 7\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Editor: Padre Américo

NOTAS DA QUINZENA

● Há dias acompanhei dois padres franceses de visita à nossa Aldeia. Quiseram saber tudo. Quem cozia o pão, cozinava, tratava das limpezas e tirava o leite às vacas...

— Eles, ia eu dizendo.

Beberam até ao fim um mundo desconhecido para eles. Estão habituados a ver casas mais pomposas e mais limpas; mais ordem aparente; mais brilho. Nunca, porém, tinham visto uma Aldeia de Rapazes sem funcionários nem vigilantes.

● Uma escritora disse num jornal de Lisboa que os pais da Casa do Gaiato andavam com uma bengala, de manhã à noite, a dar nos Rapazes. Ora, sr.ª escritora, venha passar oito dias connosco e nunca escreva o que ouviu dizer. No entanto, agradecemos a sua bengalada. Ela ajuda-nos a ser humildes e a reflectir, mais uma vez, sobre o carinho que todos os nossos Rapazes merecem e que nos esforçamos por dar-lhes.

● Também, há dias, uns visitantes quiseram saber tudo sobre as Senhoras da Obra

da Rua. Qual a sua relação com os Rapazes, o que fazem, se têm ordenado.

Ora bem, respondi e digo aqui:

O papel das Senhoras nas nossas Casas é, tal qual, o papel duma Mãe de família.

A total doação e o mesmo repartir-se em todos os minutos do dia — com carinho, solicitude e delicadeza.

Ser Mãe do próprio filho, é natural.

Ser Mãe dos nossos Rapazes, sem condições e distinção... nem a força do mar! Só o impulso e o espírito de Deus.

Não se molda um carácter numa só hora com um simples conselho, um exame, com pancada... Somente com um amor igual ao amor de Mãe — diluído nos pequeninos acontecimentos do dia: — Manuel, olha o teu pijama; Mário, não estragues as flores; João, deixa ver o teu nariz; Isabel, aí os teus botões!; Rosa, vou hoje ensinar-te a limpar o fogão...

Haverá vocação mais nobre?

Que ideal (de montanha de sol e cume de neve!) para tantas Raparigas que procuram a

sua realização fora do matrimónio!

● Temos sofrido muito por causa dos roubos! Dores quotidianas! Mazelas e hábitos profundos que custam a sair! Força poderosa que se instalou no coração dalgumas crianças e comanda!

Muitos venceram e são tão felizes, hoje, em lugares responsáveis!

Outros, não foram capazes. Assim, no correio desta manhã, chegou esta carta:

«Dou-lhe a lamentável notícia de que o conhecido «x-gaiato x», a quem deram uma ajuda para a casa, voltou a ser preso!... Deixou a mulher com quatro filhos pequenos nos braços.»

Precisamente n' O GAIATO de 20 de Janeiro de 1951, escreveu Pai Américo, sobre o dito gaiato, o seguinte:

«Todos vós recordais os dias amargos que passáeis na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, com as tristes aventuras do «mesmo». Em lugar de portas abertas, terá paredes sem elas. Paredes altas, escuras, frias e vigiadas. Não mais pode escolher. Não tem opinião. Perdeu todos os seus direitos. Morreu!»

E Pai Américo termina assim aquele «Cantinho dos Rapazes» de 1951: «Abre os olhos. Abre a inteligência. Determina-te agora».

Ora aqui tens!

Padre Telmo

Calvário

Deixo o carro sob a copa duma ramada para o abrigar do sol escaldante deste estio prolongado. O calor sufoca. Não dou muito por ele que outras preocupações me vão moendo, enquanto desço a encosta íngreme. Tudo é verde por estes lados. Aliás, o Entre-Douro-e-Minho é sempre um manto indelével de verdura!

Em frente, os campos de milho pujante, augurando boa colheita, encontram-se orlados de múltiplas ramadas, também elas viçosas e promissoras. Os lavradores andam contentes.

O carreiro que vou pisando é sinuoso e, por isso mesmo, obriga a forte atenção. Pedras soltas fazem deslizar os pés e provocam desequilíbrio, que os esteios das ramadas acolhedoras e os arbustos do caminho

não permitem converter-se em quedas no solo.

Um fio de água, meiga e deliciosa, acompanha-me na descida, mesmo rente ao carreiro.

Aqui, pequena casita, escondida sob uma carvalha frondosa, está salpicada de manchas de sol que penetra por entre as folhas. O silêncio diz que os moradores andam nos campos a labutar. Galinhas esgravatam no esterco.

Nesta curva da encosta, outra casa. Esta é de madeira. A porta está aberta. Rosto de criança assoma e sorri. É de cor. Meto conversa. Surge a mãe, também ela de cor. Estranho a presença duma família africana em pleno Minho. O homem que a trouxe é branco e é pai dos seus filhos. Mas, agora, ela é estorvo aos novos intentos de quem a fez vir para estas paragens — e começa a deixá-la só com os filhos. Parece corajosa esta mulher:

— Hel-de criá-los, que sei trabalhar, e não falta quem me dê que fazer.

O amor é forte, inventivo, a derradeira força de que o ser humano dispõe nas adversidades.

Ela própria me acompanha até à casita que procuro, alguns metros abaixo. O fio de água, agora, é levada em direcção aos milhos que alguém anda a regar. A vegetação aqui é mais intensa e não se dá pelo calor. O mau cheiro, sim. Vem do estrume e do lixo acumulado em redor da casa em que en-

Cont. na 2.ª página

4.º volume do PÃO DOS POBRES

A procura de livros de Pai Américo — especialmente do 4.º volume do PÃO DOS POBRES, recentemente editado — permanece em maré cheia! E, da nossa parte, os despachos são feitos sem demora: pedidos cá, remessas lá.

Já que o espaço do «Famoso», desta vez, é mais reduzido..., centremos a notícia do PÃO DOS POBRES — e todos os livros da nossa Editorial — nesta carta de Gondomar, tão sugestiva!

«No momento em que fiz o meu pedido do livro PÃO DOS POBRES pensei que o iria receber à cobrança, pelos Correios...

Na verdade, é valioso demais...! Não é um livro, é uma vida e uma Obra! Não se vende, oferece-se... E, diga-se, é uma oferta «incómoda» porque vem desassossegar, pôr um pouco de «veneno» na nossa tão tranquila consciência! Quem o ler de coração aberto, não fica mais a mesma pessoa e dá-se conta da «vacuidade das suas coisas» — como diz o Padre Américo.

Obrigada pela vossa oferta e que ela me ajude a ser mais desperta, menos acomodada na vida.

Aceitem, por favor, esta migalhinha para o PÃO DOS POBRES. Dentro das minhas possibilidades espero enviar mais...»

Resta acrescentar que, nesta lufada de Vida, o 1.º volume do ISTO É A CASA DO GAIATO está quase esgotado!!

Aí vai o nosso endereço para quem deseje requisitar qualquer livro: Editorial da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

Júlio Mendes



«Não há nada que tanto nos prenda à vida como as coisas vivas!» — exclama o Pai Américo. Ora aqui estão dois Gaiatos, do Tojal, a confirmar a regra: afagam, em suas mãos, delicadamente, uma ninhada de pintainhos. E que dizer da garnizé, em Paço de Sousa? Com ar imponente passeia livremente a filharada pelos caminhos, pelos arbustos, em redor da casa-mãe — gulosa de mimos dos «batatinhas» aos «batatões...», não falando já dos nossos visitantes! É verdade: nas Casas do Gaiato tudo cresce à vontade: plantas, flores, pintainhos, Rapazes — tudo!

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

OBRAS — Está em obras o nosso campo de futebol — como já referimos.

Pensamos aumentá-lo mais um pouco (7 ou 8 metros de comprimento).

Os serralheiros já começaram a fazer a rede para o muro de suporte, sobre a bela avenida da nossa Aldeia.

Também estamos com obras na padaria — um dos lugares mais apetecidos da nossa Casa...

Vamos arranjar o forno, porque as pedras molares estavam gastas. E o interior do edifício levará uma boa espanadela!

Agora temos que comprar o pão, mas há padarias que no-lo oferecem — e é uma boa ajuda! Agradecemos a esses bons Amigos.

Vamos ficar por aqui, pois até à saída d'O GAIATO as obras estarão quase no fim...

PISCINA — Todos os anos, nesta época, tomamos banho na nossa piscina.

Para que isso aconteça temos que cuidar dela — porque é nossa, da Comunidade.

Antes de começarem os banhos, limpamo-la, para que a água fique limpa durante algum tempo.

Mudamos a água algumas vezes, no Verão, já que de Inverno não se toma banho. A nossa malta gosta muito do banho após o trabalho, ao fim do dia. É um regalo para nós tirarmos o suor do corpo! A nossa piscina é um ponto de encontro, mas temos ainda a oração da tarde e as refeições para reunião da Comunidade.

FÉRIAS — O 3.º turno está gozando, na praia, aquilo que muitos deles nunca tiveram — três semanas junto do mar e bem alimentados. A maioria deles, agora, são os mais crescidos.

Dentro de uma semana parte o 4.º turno. Esperamos que possa gozar também umas boas férias e com muito sol.

Desejamos boas férias aos nossos leitores.

Manuel Augusto («Chinês»)

Praia de Mira

FÉRIAS — Depois de um ano chovoso, o Verão chega com muito calor. Sabe-nos bem um banho no mar ou até imitar os crocodilos!

A nossa casa na Praia de Mira começou a funcionar, no princípio de Julho, com os «Batatinhas», alguns dos quais viram o mar pela primeira vez! Mas os outros, já conhecedores dos «cantos da casa», começaram logo os jogos e brincadeiras — e eles corresponderam.

A casa é pequena. Tem capacidade para 40 rapazes. E a nossa Comunidade de Miranda do Corvo para mais de uma centena. Por isso, é necessário organizar turnos. Alguns já gozaram praia, enquanto outros esperam a sua vez, esquecidos já do

tempo em que eram «Lixo» e as férias apenas a continuação da rotina diária — na moínice.

Os nossos amigos leitores, certamente, estão a passar as vossas férias ou já as tiveram ou em vias de ter. Não fiquem em casa — se puderem — porque aqui faz um tempo maravilhoso que nos está mesmo a convidar para um bom banho de mar!

Para todos umas boas férias e, depois, poderem retomar as actividades — para mais um ano de trabalho.

NOVA IGREJA — No dia 22 de Julho foi inaugurada a nova igreja da Praia de Mira, a concretização de um sonho que o povo, de Mira, há muito esperava e muito bem merecia.

É uma linda igreja com quatro sinos exteriores e postos numa torre de concepção moderna, colocados por ordem ascendente. Os 60 bancos da igreja foram feitos na nossa carpintaria.

Não era só o povo da Praia que desejava esta igreja; nós também, e, certamente, todo o povo de Deus que vem até estas paragens.

As duas festas que aqui fizemos, o ano passado e este ano, contribuíram também para a construção do imóvel. Há motivo para a nossa colaboração: o povo da Praia é maravilhoso e recebe-nos muito bem, até nos oferece peixe fresco, acabado de sair do mar, para as nossas refeições!

O antigo edifício era muito pequeno. Por isso, construíram esta igreja maior e com mais espaço para atender as necessidades desta vila à beira-mar. Levantaram o edifício, mas a verdadeira Igreja somos nós e talvez estejamos um pouco fechados com as nossas coisas, sem espaço para mais nada. É necessário construirmos uma nova Igreja, na alma e no coração de todos nós — para cumprirmos, fielmente, a Mensagem de Jesus...

Chiquito-Zé

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

PARTILHA — Recebemos, por intermédio do Espelho da Moda, 200\$00 da assinante 19177; 5.000\$00 do 9157 para «ajuda na compra de medicamentos»; e 500\$00 de «uma portuense qualquer». S. Martinho do Porto: idem, para «os casos mais necessitados». Bom Amigo da Rua Nove de Abril, Porto, parte dum cheque, por saldo de contas. Assinante 26138, de Ovar, 2.000\$00. «Uma assinante do Seixal», com a perseverança de sempre, manda, em vale de correio, a «partilha de dois meses. É triste receber-se por misericórdia o que é devido por justiça! Por isso — acrescenta — penso que de certo modo se ajudam as falhas da justiça.» Leitura esclarecida do Evangelho!

Por intermédio da Casa do Gaiato de Lisboa, cheque de Abílio sobre o Banco Espírito Santo. Assinante 26471, de Algueirão, 1.000\$00 para «uma se-

nhora idosa e doente, referentes aos meses de Julho e Agosto». Quotas voluntárias! No entanto, seria bom que, em futuras remessas, sublinhasse o destino das importâncias — para nosso controle. Basta uma simples carta.

Cascais, 500\$00 e uma pista para conseguirmos ajuda oficial à pequenita que precisa de continuar os estudos. Lisboa, assinante 12313, 250\$00 «com infinito prazer, só lastimando ser uma modesta ajuda...» O valor material não conta; sim a disposição, o espírito de partilha! Mortágua, 1.500\$00 — e «não é preciso agradecer». Vermoim (Maia), «uma ajudinha para minorar o sofrimento dos que, materialmente, precisam mais do que nós». É uma oferta em casal! Por fim, quinze rands de Durban (África do Sul), como habitualmente.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes



PAI AMÉRICO — No dia 15 de Julho estiveram connosco, a assinalar a data do 28.º aniversário do falecimento de Pai Américo, muitos Gaiatos antigos e a visita de uma dúzia dos mais novos da Casa do Gaiato de Setúbal.

Principiámos o nosso encontro à volta do Altar na presença de Jesus Cristo e na companhia de Pai Américo. O sr. Padre Luiz referiu-se ao próximo centenário do nascimento de Pai Américo, à vida em nossas Casas, aos Rapazes, suas anedotas, traquinices... Mas a tônica foi um apelo aos antigos Gaiatos: que meditem sobre o exemplo de Pai Américo, a sua fidelidade à Palavra, ao acolhimento da semente evangélica... Correspondência e atenção à Palavra de Deus, respeito e serviços aos va-

lores da pessoa humana. Os valores espirituais, a edificação da nossa personalidade, o enriquecimento dos «frutos verdes» que queremos amadureçam ao sol dos ensinamentos de Pai Américo.

Toda a criança em dificuldade, o doente pobre, o fraco, o desprotegido e explorado — toda a miséria humana é objecto do pensamento de Pai Américo e tem abrigo no seu coração de «sacerdote do Bispo, do Papa e da Igreja».

Será que ignoramos a Verdade, os valores espirituais, e caminhamos para uma vida onde só contam os valores materiais?

Não, certamente, ainda que a nossa impaciência nos leve a crer, às vezes, o contrário. A semente tem o seu tempo e ritmo de crescimento.

Pai Américo foi-nos buscar às barracas, à rua, às feiras. Deu-nos amor, liberdade e muito carinho. Deixou-nos na festa de Nossa Senhora do Carmo. Mas confiando n'Ele, nele e em vós, esperamos não os desiludir — por uma vida de fidelidade aos seus princípios, mais que por vãs palavras ainda que muito bem faladas.

PEDIDO — Entre outros projectos para ocupação do período de férias temos a organização (sempre inacabada) da nossa biblioteca. Contudo, o preço das estantes obrigou-nos a adiar um pouco a tarefa. Para já improvisámos umas estantes de tijolos, entre o feio e o perigoso, que se um mais pequeno lhe dá para uma «leitura alpinista» sujeita-se a fazer alguns «galos de sabedoria»... Não terão os nossos leitores, arrumadas na garagem, algumas estruturas metálicas que queiram ter a gentileza de nos ceder? Apesar das dificuldades, aqui fica também uma palavra aos senhores Fabricantes. Há anos recebemos uma camioneta de módulos que, por deficiência de fabrico, a Administração da firma resolveu não colocar no mercado... Hoje, enfeitam a nossa escola e os quartos dos chefes!

DESPORTO — À tardinha, pelas 16,30, foi o grande momento desportivo. As equipas apresentaram-se aos muitos espectadores que a aplaudiram intensamente durante todo o encontro. Depois de um minuto de silêncio em memória do Ernesto Pinto, que nos deixou a 13 de Julho, principiámos o jogo. Os primeiros minutos foram medíocres. Coube a oportunidade à Casa de Setúbal de marcar o primeiro golo. Até aos primeiros quarenta e cinco minutos houve uma série de ataques perigosos, mas sempre repelidos pela «muralla defensiva» dos sadinos. Ao intervalo o resultado era 0-1. Com as instruções do Fernando Félix, nosso treinador, a segunda parte foi dominada pela Casa do Gaiato de Lisboa e, passados alguns minutos, numa jogada de muita habilidade, Paulo Alexandre bateu a defesa adversária com um remate bem sucedido. Um bonito golo! Passados mais um ou dois minutos, nova jogada a papel químico e o «craque» Paulo Alexandre eleva o resultado para 2-1. O delírio!...

Nos últimos minutos dominaram os jogadores sadinos, com enorme força de vontade, bem caracterizada no fôlego do Américo, sempre em cima do esférico, numa tentativa de virar o resultado do encontro — o que não sucedeu.

O resultado final: Casa do Gaiato de Lisboa 2, Casa do Gaiato de Setúbal 1.

O Fernando Pinto fez uma arbitragem excepcional. Soube segurar o encontro com técnica e personalidade.

Mas o que mais nos interessou, o mais importante, foi a boa disposição, o encontro partilhado com genica pelas equipas de ambas as Casas. Finalizámos com um aperto de mão bem forte, com muito calor, como prova de uma relação saudável e compreensão mútua.

José Manuel dos Anjos Nunes

CALVÁRIO

Cont. da 1.ª página

tramos. Toda ela é de madeira negra, pela poeira, pelo fumo que tem saído pelas frinchas da cozinha. Espreito: Dois compartimentos sombrios. Uma cama em cada um. Ao lado, a cozinha, onde a escuridão é adensada pela negritude das paredes esfumadas. A lareira está apagada. No soalho da varanda corrida ao longo de toda a casita, cinco crianças. A mãe não está. Safu às seis da manhã, mais o homem com quem vive neste momento. Têm sido muitos aqueles que aqui se vêm abrigar. Ela é viúva, mas não tem capacidade mental para ser mãe dos seus filhos.

O mais velho fez o caldo para os outros. O rosto sujo de todos e as roupas andrajosas falam de abandono, desleixo e desmotivação para viver.

Sentada no soalho, a peque-

na que aqui nos trouxe. É simpático o sorriso que nos lança. Aparenta graves dificuldades físicas e mentais. Custa-lhe, mesmo, a expressar-se. Sorri. É a única dos irmãos a fazê-lo.

— Sabe?, eu venho aqui todos os dias lavar-lhe a cara. Gosto muito da Rosa e tenho pena dela — diz-me a mulher de cor.

Será preciso virem os africanos ensinar os europeus a fazer a higiene aos filhos? Aqui é. Que mãe! Já não são só os dela que ama. O seu coração dilatou-se até esta varanda. Deixo recado para que a pequena Rosa seja conduzida ao Calvário.

Não é fácil permanecer imóvel aos apelos que vão chegando — e eles são muitos e constantes!

A semana passada fui à região de Vale de Cambra. A mesma paisagem onde o verde nos afaga em seus matizes e

cambiantes; onde a beleza da Natureza extasia, sobretudo quem andar só afeito ao cimento e ao asfalto das cidades.

Bem em contraste o mesmo clamor silencioso, mas eloquente, da incapacidade física dum criança de sete anos a aparentar três. A mãe está ao lado da filha, encostada à parede da casa, que o álcool não a deixa endireitar-se. Mal entreabre os olhos e muito menos a boca. O pai mostra-se ansioso por se ver livre da criança que eu procuro. Também aqui são cinco filhos. E igualmente o álcool patenteia orgulhoso os seus nefastos efeitos nesta família de sete membros.

A pequenita vem comigo logo naquele dia. O pai quer ver onde e como é a nova casa de sua filha. Gosto que ele venha para lhe dizer que fizemos tudo isto, que Pai Américo sonhou, por amor de sua filha e de todos quantos sofrem e não têm quem os queira ou possa ter consigo.

Padre Baptista



FACETAS DUMA VIDA

— Está ali um velho Amigo...
O nosso Padre Telmo encaminha-nos para a Capela.

Ele estava recolhido, ajoelhado na pedra de granito que serve de morada a Pai Américo.

Tem já uma provecta idade. Era um alto funcionário do Terreiro do Paço e serviu o País para além do tempo fixado na lei!

— Passou à reforma só há dois anos...! — esclarece a esposa, d'alma cheia pelo dever cumprido. — ...Só há dois anos...!, repete.

— Eu era o vosso procurador em Lisboa. Assim me tratava o Padre Américo...!

Os olhos riam. Os olhos não — a alma!

Vem em romagem de saudade, d'Amizade.

— As vezes, o Padre Américo entrava no gabinete e pegava no meu braço com O GAIATO na mão. «Venha; venha comigo. Vamos ali chorar os dois...» — reflectir num ou noutro episódio dos célebres «Isto é a Casa do Gaiato».

Este Amigo precisa de contar as suas vivências, os encontros com Pai Américo. Aqui fica a sugestão...

Pois na feitura d'O GAIATO, escrito à pressão na vida cheia, pujante, das nossas Casas (o Padre Baptista ainda agora safu daqui batendo no peito por nem sempre poder cumprir a sua quota-parte: — Não tenho tempo p'ra nada!... O Manuel está de férias. As senhoras, também. O tempo passa e até me esqueço dum ou doutro compromisso...!), na feitura d'O GAIATO — dizíamos — que é partilha e comunicação — a visita deste Amigo foi uma chispa! Lembra-nos que Pai Américo, há precisamente 60 anos, construía, no meio de grandes contradições, a sua vocação no seio da Igreja Serva e Pobre!

14 de Agosto de 1924

«A 14 de Agosto de 1924, Américo toma o hábito com uns quinze noviços (no Convento Franciscano de Vilarinho de Ramalhosa — Espanha) para professarem o ano seguinte, no dia 15, Assunção de Nossa Senhora.»

Para muitos Leitores, que pouco ou mal conhecem Pai Américo, é oportuno transcrever largos extractos, desta fase da sua vida, que publicámos nas edições n.º 355, 356 e 357 d'O GAIATO, em 1957. Assim, ficamos a conhecer melhor um passo da caminhada até ao presbitério da Rua.

A verdade é que urge lançarmos uma obra que recolha, ordenadamente, com as neces-

sárias ligações, todos os documentos e depoimentos sobre a trajectória de Pai Américo até à hora derradeira! Um trabalho desprezioso, que, para já, teria como pano de fundo, além do mais, as «Facetas duma Vida» — publicadas n'O GAIATO — valiosíssimas Contribuições para uma biografia de Pai Américo. Um espólio seguro, documentado, que servirá de apoio, de banco de dados, e de análise a um qualificado biógrafo (há-de surgir...) que revelará, com fidelidade, a multifacetada personalidade e acção carismáticas de um dos maiores vultos da Igreja portuguesa contemporânea.

Vilarinho de Ramalhosa

Vamos já comemorar a data com uma boa parte do que nos diz o Padre Carlos n'O GAIATO n.º 355, de 19/10/57:

«Hoje, Vilarinho de Ramalhosa é uma casa pobre e envelhecida, com uma cerca vulgar, situada no Vale Miñor que desemboca no mar, ao lado da ria de Vigo. O sítio é bonito e muito perto desdobram-se paisagens de extraordinária beleza: Panjon, Bayona e depois mais longe, até La Guardia e dali a Tuy pela margem do rio Minho.

Em 1923 não havia lugar vazio. Quando o Américo chegou em busca de si mesmo, deram-lhe o quarto maior e melhor. Ainda assim, quão distante a sua «querida casa do Chin-de», onde «tudo: roupa, mobília, trem de mesa, tudo inglês!»

São dois velhinhos deliciosos, companheiros de Pai Américo naquele tempo, a fonte destas minhas informações: Padre Frei Alexandre e Frei Bernardo.

Um companheiro de África, um dos «Encanecidos», conta a partida que o Américo lhe fizera quando a primeira vez abordou os Padres franciscanos em Tuy. Havia ali um convento e grande colégio de que era superior Padre Manuel Alves Correia, homem inteligente e culto, de trato fácil, que logo cativou o Américo. «A conversa do Padre, sentado de perna traçada, muito jovial e familiar, interessou vivamente o Américo. Mas quanto mais admirava a variadíssima cultura do simpático e fascinante superior mais se enjoava e aborrecia.

— Mal empregado! Um homem destes, e... descalço! Isto é um absurdo! Nada! Não quero!»

Até ao fim Pai Américo guardou uma sensibilidade mui-

to fina... Mas, naquela hora, chocou-o a discordância entre a opulência do recheio daquela cabeça inteligente e culta e a nudez dos seus pés.

Aquela vez o Américo não disse ao que vinha. Nem ele mesmo sabia de certeza ao que vinha. Vinha ver, a conselho do irmão Padre José, ver se aquilo lhe agradaria.

«Percorreu o convento, a linda cerca, em ameníssima conversa. Viu os rapazes no recreio, em algazarra, sem repararem na visita.» E então, para não terminar inútil a sua visita, tomou à sua conta um aluno «e deixou para ele a primeira anuidade».

Mais tarde voltou a Tuy. Entre as duas vindas deve ter sido a luta que iluminou o último escolho: os pés descalços dos frades menores.

A conquista de uma vocação

É assim a conquista de uma vocação; cedência palmo a palmo, por fim agarrada a pretextos insignificantes e ridículos, por isso mesmo inconsistentes, que um dia se desfazem à pressão suave do Amor de Deus.

Conta o Padre Alexandre que depois da primeira entrevista em Tuy, o Américo voltou a Lisboa a distrair-se e a procurar fugir à perseguição de Deus. Foi ao teatro, um teatro de revista. Um quadro, certamente chocarreiro, representava, «em êxtase, um frade franciscano de pés descalços a espreitarem pela fimbria do hábito». Safu aturdido, mais do que entrara. Não é impunemente que o homem escolhido foge de Deus.

Uma vez — há muito — numa reunião da Acção Católica, ouvi de D. Manuel Trindade Salgueiro uma notícia que deve datar de então. Uma noite o Américo passou pelo Maxím's, um clube elegante dos Restauradores. De dentro soavam ecos de música de dança e das risadas vazias que o mundo toma por sinais de alegria. Mas ele já não pertencia ao mundo. Um instinto divino deu-lhe o sabor real da festa que era dentro. Não chegou a entrar. Partiu dali mais certo do seu rumo.

Ninguém se lembra de quanto teria demorado o desfazer da indecisão, o aceitar e seguir a «martelada». Mas ainda em 1923 o Américo rompe consigo mesmo, diz à família que vai à Austrália e entra em Vilarinho de Ramalhosa. Só o irmão Padre José sabia a verdade. Ainda assim não fosse algum curioso espreitar as cartas, elas iam datadas de Sidney.»

A descrição dos factos prossegue n'O GAIATO n.º 356, de 2/11/57:

A luta...

«O que deve ter sido aqui a adaptação a esta vida trabalhosa e pobre, cheia de certeza, sim, mas também de incomodidade, agora que conheço Vilarinho, é fácil de imaginar...

Começa os estudos, «mormente o latim». Continua, como sempre, interessado pelos seus Pobres...

É curioso que duas vezes, em dois inícios, se revela nele o interesse pelos doentes e inutilizados pela vida, o qual, em grande escala, viria a ser a sua última obra — o Calvário. Em Coimbra, antes de se ordenar ou logo após, entregou ao Prelado o resto dos seus dinheiros para uma Casa de Repouso de Padres idosos e cansados, que ele sonhava nos moldes em que pensou o Calvário: uma casa deles, para eles, por eles. Nada que lembrasse um asilo...

Infelizmente não foi o seu programa que vingou...

Em Vilarinho a primeira paixão foi Frei Matias, um octogenário verdadeiramente na segunda infância. Quando ia a Vigo «nunca voltava sem mimos para o seu Frei Matias: doces, bombons, bolos, lambarices».

«Era Jesus em Frei Matias». Mas a paixão não era só Frei Matias. Eram os doentes em geral.

E esta paixão continuou, anos mais tarde, no Seminário de Coimbra...

De resto, o próprio Prelado, de feito austero, mesmo duro, se rendia às delicadezas de veras filiais do seu seminarista-velho. E outros, da Coimbra de então, poderiam dizer de quanta solicitude foram alvo pela caridade do Américo.

A luta porém não acabara. O Américo era modelo no «desapego de tudo quanto era dinheiro; sobretudo duma franqueza extraordinária. Era a Caridade em pé» — nos dizeres graciosos de Padre Alexandre e Frei Bernardo. Nem sequer a obediência era o seu grande problema, apesar de uma certa insinuação que podia ficar de diálogos como este:

— V. Caridade, que já há tempo vive connosco, bem vê como vivemos contentes, sem preocupações, num grande à-vontade, felizes, sempre com a carinha na água (lhe dizia Padre Alexandre).

E ele, sobre a cama, vestido, ruminava:

— ...Sim! É assim! Não posso negar. Eu mesmo, felizmente, o experimento. Vivo

satisfeito, satisfetíssimo, Mas... frade!... frade!...

— ...Qué? Frade qué?

— ...A coleira! A coleira!, Alexandre.

Exemplo de obediência

Tirando casos como o de Frei Matias e outros — sempre realizações de Caridade que ele não sabia serem-lhe vedadas ou não era capaz de reprimir por amor de uma disciplina que só seria para ele, se ele fosse chamado a ela — ele foi, ainda, exemplo de obediência, aqui e então, como mais tarde havia de o ser já no seu caminho, repleto de factos de uma ortodoxia, quase escrupulosa, ainda que muitos mal compreendidos e até mal-sinados pela vulgaridade, essa terrível força da inércia.

Este não era ainda o seu caminho...

Outras vezes a luta vinha de uma certa saudade do passado. Eu ouvi a sirene dos barcos que entram e saem o porto de Vigo. Ele também ouvia e recordava o mundo que deixara, cheio de tudo «quanto licitamente se pode adquirir com dinheiro», mas vazio daquela Paz nascida da contradição, que é sinal de Cristo e tem, por isso, sabor de Eternidade...

Frei Américo

O Padre Carlos remata, assim, n'O GAIATO n.º 357, de 16/11/57, o seu excelente trabalho sobre Frei Américo — o nosso Pai Américo:

«A 14 de Agosto de 1924, Américo toma o hábito com mais uns quinze noviços para professarem o ano seguinte, no dia 15, Assunção de Nossa Senhora.

Agora é Frei Américo.» Os deveres aumentavam e urgiam no seu cumprimento.

Algumas vezes, por saída do Padre Mestre, era ele quem ficava com a chave e o comando do noviciado. Pois tanto valia Padre Mestre estar como não estar. Se Frei Matias, lá da sua cela, dava sinal na parede, Frei Américo saía para saber e dar satisfação às necessidades e desejos do seu doente.

O Padre Mestre, Luís do Patrocínio, sabia ou apanhava-o...

— Que é isto, Frei Américo?! Não sabe que é proibido sair do noviciado sem licença? Veja o que faz...

— Ai, Padre Mestre!... — e confessava a culpa de joelhos, muito compungido.

Eram quatro ou cinco dias de resistência, mas depois... «A Caridade não conhece leis.

TRIBUNA DE COIMBRA

Maravilhoso-me a acção da-quele homem pobre que, depois de nos oferecer dois sacos de batata, foi ao meu encontro entregar três pêssegos dum pessegueiro novo que tinha dado seis. Levava os pêssegos escondidos. Um tesouro, na alegria estampada no rosto dele!

Estamos ainda dentro da semana em que a Palavra de Deus nos fala do tesouro escondido, da pedra preciosa encontrada, da rede cheia de coisas boas e más...

O homem, cada um de nós, diante das riquezas que Deus criou e nos deu a cuidar!

Na tarde das Festas na Covilhã, um Amigo de há muito, agora nos oitenta anos, foi entregar-nos objectos de valor e muita estima. Coisas preciosas que ele vê que poderão ser trocadas por pão. Partilha cristã, consciente de que os bens deste mundo não deverão ficar escondidos quando necessários para matar a fome a Irmãos famintos. Demos-lhe um abraço pela coragem.

Outros tesouros e pedras preciosas e redes com coisas boas;

As senhoras que todas as semanas vêm dar uma tarde a cuidar da nossa roupa e nas sacas trazem sempre mimos; os embrulhos de roupas e calçado e brinquedos e materiais escolares entregues aos nossos pequenos distribuidores d'O GALIATO; cheque de mil, de Lisboa; mil e quinhentos de casal com filhinho; quinhentos de sementes, em Santa Cruz; uma remessa de cartas na Casa do Castelo; cheque de mil, de Leiria; oferta de senhora, na Igreja de N. S. Lurdes; cheque de Meãs do Campo; vale de Arganil; mil em Mira; caixas de maçãs, na Ermida; cinco mil, mais cinco mil, mais cinco mil, mais ofertas levadas ao nosso Lar; mil pela Esposa que muito nos amava.

Mais lembranças de militares. Vão aparecendo. Vieram também de Aveiro. Mil e quinhentos da Carapinheira; mil de Lar de idosos; 59.030\$00 da Associação Portuguesa de Bo-

cholt-Alemanha e 59.901\$00 dos Lusitanos — Alemanha, também. Estas ofertas vêm sempre acompanhadas de mensagens profundamente fraternas e cristãs. Que bem nos fazem!

Vales mensais de Lisboa; cheque de Nisa; carta de Coimbra; a visita periódica de senhora anónima, de Miranda do Corvo; cheque de Leiria; cheque de Tomar no primeiro aniversário do filho jovem que o Senhor chamou. A passagem de Amigos da Pampilhosa da Serra; um casal a visitar-nos; cheque de doze mil, de casal vizinho; dois mil de filha junto ao caixa do Pai; três mil de Creado; dois mil de Soure; vinte mil de mirandense em Lisboa e mil da irmã; lembranças deixadas na igreja de Santa Cruz; cheque de sacerdote; cheque e três meninos do Santuário de Fátima; dois mil da Liga Eucarística de Serpins.

Colcha que foi leiloada entre amigas; cheque e vale de Coimbra; mil de vizinha; mil e quinhentos de senhora da Lousã; mãos dadas e muitos mimos na minha aldeia; dois mil de médico, da Figueira da Foz; mil, em vale, de Fermentelos; e outro, pouco tempo depois; cheque de Abrantes; ofertas pelo nosso pequenino distribuidor d'O GALIATO em Figueiró dos Vinhos; cem no cemitério; «parte da pensão social», em Montes Claros; três mil por alma da Mãe; dinheiro e muitos mimos e a visita de Amigo de Cruz da Areia; 4.800\$ e a visita de alunos do 11.º ano, de Mira; 2.500\$ e mala de Arganil; cinco mil e a visita de Amigo que viveu a sua vida em Angola e continua a lutar com fé; vales de Vilar Formoso; promessas que vêm pagar; 1.500\$ de Aveiro; 200\$ da Escola do Vale do Gueiro; cheque de Amigo, de Cebolais de Cima. Aparece muitas vezes e há muitos anos; dois mil ao distribuidor do nosso Jornal, na Serpã; amendoas da Auto-Industrial; vale de Febres; vales de Condeixa.

Mais uma presença de uma Amiga, de restaurante da Figueira da Foz, sempre a pedir a bênção e a nossa oração. É tão bom não perdermos o sentido espiritual na vida tão ocupada que levamos! Amigo Juiz que põe sempre a mão à carteira quando me encontra; vinte mil, em cheque, de Almeida; vale de Leiria; cheque da Figueira da Foz; vale de Quiaios; cheque de Castelo Branco; 23.500\$, em cheque, de Oliveira do Hospital; cheque de Monte Formoso; senhora que deu boleia aos distribuidores do «Famoso» e lhes entregou um cheque. Que contentes que eles vinham!

Mil, em cheque, da Guarda; oferta do nosso Bispo; dez mil em Medelim; muitas lembranças na Covilhã e no Fundão e em Castelo Branco a acompanhar o maravilhoso acolhimento nas salas das Festas; roupas de Pombal; 2.580\$ de peregrinos de Fátima; vales de Pereira do Campo; ofertas na celebração das «bodas de ouro» de dois casais muito amigos; es-

tudantes de Penela; ofertas que os jocistas deixaram; dez mil de Amigo que Deus chamou; 500\$, em cheque, da Amadora; vinte e cinco de médico de Coimbra; 45.600\$, o dia e tudo o que nos deixou a paróquia de Santa Cruz, de Coimbra; 19.350\$ e a visita de vicentinos de Coimbra; cinco mil de doente que procurou ser sempre mãe dos nossos estudantes; a visita das escolas da Vacariça; os mimos na visita das catequeses de Ortigosa, Monte Real, Souto da Carpalhosa; a visita de paróquias da zona da Covilhã; cheque do Luso; partilha de férias na igreja da Graça.

Os nossos pequeninos distribuidores de O GALIATO em

Tomar, Leiria, Mealhada, Castelo Branco, Covilhã, Coimbra e outras terras entregaram pequenas ofertas que lhes confiaram; cinco mil dum dos nossos a trabalhar na Suíça; mil de visitante, emigrante em França; mil de Lagos, promessa a S. José; muitas cartas mais na Casa do Castelo; carta do Espinhal; cheque da Batalha; dois cheques de Lisboa; carta do Porto; cheque do Luso.

Es, em resumo muito breve, os tesouros que depositastes nas nossas mãos desde o mês de Janeiro. Que o Senhor os faça render a favor de cada ofertante.

Padre Heráclio

Esperança na caminhada

Caríssimos irmãos: Saúde, paz, alegria e bem-estar no serviço do Senhor — em benefício dos Irmãos mais necessitados.

Creio que não sou estranho para vós, embora seja a primeira vez que escrevo para O GALIATO.

É uma alegria ouvir a voz d'O GALIATO, sobretudo a voz de um abandonado pelas condições sociais, um pobre que por sua causa Deus desceu até ao último homem a nascer no Mundo. Por isso, tem sido grande a minha alegria ao receber O GALIATO, trazendo-me notícias e esperança, a força e coragem na caminhada para ser, no futuro, padre da Obra da Rua, pela qual estou no Seminário, esperando que passem os anos de estudo e até aqui só passaram dois.

A Obra da Rua não é senão o complemento do Evangelho do Senhor em profundidade, que a Obra procura penetrar até aos mais ínfimos nas sociedades (salvar os homens e pregar a justiça, acolher os Pobres abandonados é um reflexo da vida do Reino dos Céus).

No meu País há muitos padres, religiosos e seculares, nativos e estrangeiros, embora insuficientes para a pregação da Palavra que o País exige. Falta, ainda, aquela resposta ao apelo de S. Tiago (2,14-17-18b): «Prova-me a tua fé sem obras que pelas obras te provarei a minha fé». E Cristo, fonte de amor e de fé, responde: «Deixai vir a Mim as criancinhas pois delas é o Reino dos Céus» (Mat. 19,14).

Sim, é verdade; em qualquer país do mundo há Crianças abandonadas, há Calvários... E creio que até no ano 2000 O GALIATO acompanhará as suas notícias pelo mundo fora;

abrirá as portas visíveis e invisíveis das prisões no mundo e alimentará as Crianças que esperam a alegria do sol nascente; acolherá as Crianças que noite a noite procuram uma varanda para reclinar a cabeça e ajudará a levar o peso e a responsabilidade de ser Criança do deserto, onde tudo é contra ela; dará a esperança e o direito de ser Criança como dona do Mundo e torná-la-á feliz. Aos Pobres, ajudá-los-á a carregar a sua riqueza da pobreza até ao Calvário, entregando-os nas mãos do Senhor. Todos glorificarão o Senhor através do seu servo, homem cheio de amor para com os seus Irmãos mais pobres e mais abandonados — o Pai Américo.

Afinal, em que mundo é que eu estou?! Sendo o mundo dos animais, sei que o Senhor os fez e os alimenta; e sendo o mundo dos homens ainda mais: o Senhor deu-nos todos os meios possíveis para nos salvarmos uns aos outros. Porque é que os Pobres não têm direito à Palavra divina? É porque as condições sociais lhes tiram esse direito? Mas porquê, sabendo que a Palavra de Deus é para todas as classes sociais?

Por tudo isso O GALIATO faz falta em qualquer sociedade, não só para o bem do indivíduo como também para o bem da sociedade e do Mundo.

João Manuel

Que linda esta carta do João! O João é angolano. Foi nosso operário na Casa do Galato de Malanje. Quis estudar. Entrou no Seminário. Quer ser Padre da Obra da Rua.

João, pedimos ao Senhor que te ajude na longa caminhada.

Padre Telmo

FACETAS DUMA VIDA

Cont. na 3.ª página

É lei de si mesma. Rebenta todos os moldes. ...Caridade incorrigível! Emenda? Qual?»

Este esforço, junto a todos os demais de adaptação à nova vida, cansavam-no muito!

Frei Bernardo, bem lhe dizia: «O Frei Américo não aguenta esta vida: o estudo, o coro, a disciplina, o horário muito preso... Se fosse para um Seminário talvez o dispensassem de alguns estudos da Filosofia e ainda se ordenava primeiro que os companheiros daqui... Depois, se quisesse, voltava então e era natural que o aceitassem...»

Porém, ainda que Frei Bernardo influísse, mais forte era o peso das razões que o Padre Mestre lhe mostrava.

Caminho aberto para novo rumo...

A festa da Assunção de Nossa Senhora aproximava-se. Padre Luís conhecia a opinião geral da comunidade a respeito de Frei Américo. Demais, havia nele alguma originalidade, um certo carisma profético (depois muitas vezes festejado por alguns dos próprios franciscanos!), que punham hesitação e levantavam temor em quem tinha de assumir a responsabilidade da sua profissão religiosa. Era provável que Frei Américo fosse excluído. Erros que os homens fazem e são contas certas nas Mãos de Deus

Padre Luís quis poupar ao seu bom Frei Américo o desgosto da exclusão.

Que desistisse, que desistisse antes da votação. A decisão assim seria sua e o caminho ficava mais aberto para novo rumo que o Senhor sugerisse.

De resto, seria ainda um franciscano, Padre Frei Inocência, amigo pessoal de D. Manuel Luís Coelho da Silva, quem muito havia de influenciar o Prelado de Coimbra em favor da admissão do Américo no Seminário da Diocese.

Antes de Agosto de 1925, Frei Américo deixava o convento. Ia triste; algo vencido, mesmo. Regressava uma interrogação quase respondida: — Qual o caminho?

Foram ainda uns meses de luta. D. António Barbosa Leão não o aceitou. D. Manuel Luís Coelho da Silva, sim. Frequentou Coimbra de 1925 a 1929. Depois, os primeiros anos dum sacerdócio que parecia falhado. Decerto teria voltado uma vez ou outra a pergunta dramática: — Qual o caminho? Foi então que o cônego Dr. Manuel Trindade Salgueiro teve uma palavra de esperança, eficiente e profética: «Deixem-no determinar-se». E ele determinou-se. Realizou-se.

Mas até ao fim, até ao derradeiro instante, ele foi um torturado!

É pena O GALIATO ser tão pequenino!... No entanto, vale bem a pena sacrificar uma ou outra colaboração normal — revivendo o oportuno trabalho de Padre Carlos que aí vai — para assinalarmos, condignamente, uma etapa fundamental na vida do nosso Pai Américo.

Júlio Mendes



Director: Padre Telmo
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Galato - 4560 PACO DE SOUSA - Telef. 352285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Galato - Paco de Sousa